

ONDE ESTÁ A CULTURA NA GEOGRAFIA? – UMA BREVE DISCUSSÃO A RESPEITO DO ESPAÇO, HISTÓRIA E NEGACIONISMO

Data de submissão: 09/02/2024

Data de aceite: 01/04/2024

Ana Paula Mendonça

Universidade Estadual do Rio de Janeiro –
Faculdade de formação de professores.
São Gonçalo – Rio de Janeiro
<https://lattes.cnpq.br/3308305006555159>.

RESUMO: Esse artigo, é resultante de um desafio lançado como proposta de trabalho final, pela disciplina de Teoria e Método do mestrado de Geografia pela UERJ. Com isso, em razão do objetivo desse trabalho final ser reunir discussões teóricas de autores, que interligassem os quatro blocos debatidos ao longo do primeiro período (que durou 4 meses), o tema que consideramos de melhor relação com esses autores, foi o cultural. Dessa forma, a partir de algumas reflexões que foram lançadas através dos autores abordados e pelos professores e colegas dessa turma, buscamos com a escrita desse texto, discorrer brevemente como a Cultura é apresentada por alguns desses autores na Geografia, interligando-a a alguns aspectos políticos, naturais e sociais que a marcaram ao longo do tempo, nesse processo histórico. Alguns questionamentos são levantados no decorrer desse texto, no entanto, vale ressaltar aqui que nosso

objetivo principal não é responder nenhum deles, mas sim apenas despertar algumas reflexões sobre o tema principal, por meio desses. Sendo assim, desejamos a vocês, caros leitores, uma excelente leitura e reflexões melhores ainda!

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Geografia; História; Espaço e Tempo.

WHERE IS THE CULTURE IN GEOGRAPHY? – A BRIEF DISCUSSION ABOUT SPACE, HISTORY AND DENIALISM

ABSTRACT: This article is the result of a challenge launched as a final work proposal, by the Theory and Method discipline of the Geography master's degree at UERJ. Therefore, in reason that the objective of this final work was to bring together theoretical discussions by authors, which linked the four blocks debated throughout the first period (which lasted 4 months), the topic that we considered to have the best relationship with these authors was cultural. Thus, based on some reflections that were launched by the authors discussed and by the teachers and colleagues of this class, we sought, with the writing of this text, to briefly discuss how Culture is presented by

some of these authors in Geography, linking it to some aspects political, natural and social that have marked it over time, in this historical process. Some questions are raised throughout this text, however, it is worth highlighting here that our main objective is not to answer any of them, but rather just to awaken some reflections on the main topic, through these. Therefore, we wish you, dear readers, an excellent read and even better reflections!

KEYWORDS: Culture; Geography; History; Space and Time.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo na história do pensamento geográfico, buscou-se a compreensão pelos objetos distribuídos ao longo do espaço, de maneira que as questões sociais e espaciais, acabaram sendo minimizadas ou negadas. Todavia, contraditoriamente, sem a existência desses espaços e dessas relações, tampouco os objetos seriam organizados e marcados. (ENGELS, 1979).

Nesse sentido, podemos dizer, com base em Santos (1996), que os diferentes objetos produzidos e organizados ao longo do espaço, conforme o passar do tempo, são resultantes das diversas relações naturais, econômicas, políticas, sociais e culturais que intervêm sobre esses, os transformando por meio das suas intervenções e deixando suas histórias e vivências marcadas, através dos seus costumes, crenças e culturas.

Mas qual é o significado de Cultura? Como as diferentes sociedades a produziram espacialmente, deixando suas marcas e histórias? Quais as contribuições desse termo para a Geografia? E por último, mas ainda fundamental: As questões culturais são reveladas ou negadas com esse processo histórico? Esses são alguns dos questionamentos que buscaremos investigar e compreender no decorrer desse texto, partindo-se de revisões bibliográficas em alguns autores clássicos e atuais.

Contudo, esse texto não busca responder a todos os questionamentos levantados, mas sim levar uma breve compreensão acerca do significado de Cultura, como essa pode ser percebida pelos teóricos da Geografia Humana, Física, Política e Cultural e se essa pode passar por algum negacionismo e caso afirmativo, de que maneiras isso pode ocorrer.

Nesse sentido, essa investigação trata-se de uma revisão teórica em autores clássicos e contemporâneos das diversas áreas que compõe a Geografia, afinal de contas, para que questões sociais e culturais possam ser analisadas e compreendidas, é preciso também entender os contextos espaciais, naturais e políticos que se apresentam, pois tais temáticas estão diretamente ligadas e são interdependentes. (SAUER, 1998).

Com isso, para darmos início as nossas discussões acerca de Cultura, em um primeiro momento abordaremos sobre o significado desse tema, por meio de uma breve apresentação teórico-metodológica dessa. Partindo-se desse breve debate, trataremos a respeito de alguns contextos das áreas da Geografia, aos quais essa está interligada. E para finalizarmos nossos apontamentos referentes a Cultura, apresentaremos sobre a questão do negacionismo, apontando nos debates se esse é um tema atual ou ultrapassado.

Algumas contribuições teórico-metodológicas para a compreensão do significado de cultura

Cada espaço é marcado pelas relações sociais que se desenvolvem nele com o passar do tempo. E tais relações, ao transformarem um dado espaço, também se modificam nele, de maneira a deixarem suas marcas, contribuições e principalmente, suas histórias. As quais, influem diretamente na formação de outras sociedades que possam vir, mesmo que deixem de existir no espaço físico. (SANTOS, 1996).

Foi assim desde as primeiras sociedades e civilizações que nos antecederam. Como o caso do desenvolvimento humano em relação a natureza, desde o período primitivo. Ou seja, conforme Engels (2006), para que o homem pudesse se desenvolver em questões comunicativas, técnicas, vestimentas e alimentícias, de maneira que pudesse ir além de saciar suas necessidades básicas, foi preciso que esse se adaptasse a natureza, além de suas condições humanas e sociais em relação a ela, antes que pudesse usufruí-la e apropriar-se dela com o decorrer dos anos.

Nesse sentido, a história das diversas organizações humanas nos diferentes espaços, nos possibilitam uma breve compreensão acerca de algumas manifestações culturais que se deram por meio das formações sociais que se decorreram e seus traços, trajetórias e marcas deixados onde atuaram e conforme viveram em dado momento. (COSGROVE, 2010).

Entretanto, entender essas questões culturais torna-se uma tarefa muito mais ampla e complexa do que aparenta ser na realidade, de modo que para entender esses processos e marcas, antes torna-se essencial discutir acerca do significado da palavra Cultura e o que essa representa e significa para a Geografia desde os autores clássicos, até os mais contemporâneos. (WILLIAMS, 2007).

A palavra cultura, se pensada a partir do senso comum social, aparenta mostrar-se como uma terminologia simples e sem muitas implicações. Entretanto, diferente dessa aparência transmitida, essa revela-se de um modo muito mais amplo e complexo, quando cientificamente analisada e percebida. (COSGROVE, 2018).

Uma das razões para que essa palavra tenha um significado tão amplo e na concretude, seja mais ampla do que no campo da abstração humana, encontra-se no fato de que a mesma não está em apenas uma dimensão ou área específica. Ou seja, a Cultura tem sim suas próprias definições e peculiaridades, que lhes conferem atributos que a distinguem de outras áreas. Porém, ela não existe isoladamente, em suas particularidades e sem relação nenhuma com as demais áreas da Geografia. (CORRÊA, 2018).

Afinal de contas, para que a Cultura possa existir, ela precisa de relações. Sejam essas: naturais, sociais, políticas e até mesmo econômicas. Isto é, a Cultura, para poder ser bem analisada e interpretada, ela necessita fundamentalmente de um contexto ao qual esteja inserida. Mas antes de apresentarmos a respeito desse contexto, torna-

se importante abordarmos sobre o que realmente significa esse conceito para alguns geógrafos. (COSGROVE, 2010).

Com isso, partindo-se de algumas definições apresentadas por Raymond Willians (2007), a respeito da palavra Cultura, esse a percebe como algo que transcedeu os diferentes processos ao longo da história do pensamento geográfico, de maneira que em cada momento das transformações que se sucederam pelas diferentes sociedades nos diversos espaços em que se organizaram, a definição de Cultura, bem como seus significados, também iam sendo modificados e adaptados.

Cosgrove (2010; p. 01), concorda com essa ideia de que Cultura não pode reduzir-se a uma definição específica para a Geografia humanista, quando aponta:

Pouco se ganha ao se tentar uma definição precisa de cultura. Fazê-lo implica em sua redução a uma categoria objetiva, negando sua subjetividade essencial. (...) A palavra é ideológica. (...) A cultura é o termo central do humanismo, incapaz de definição clara como um conceito objetivo, mensurável, e compreensível apenas através da prática.

Com isso, podemos perceber com tais concepções, estabelecidas por esses geógrafos das correntes marxista, cultural e humanista, que o significado de Cultura não pode ser reduzido a uma mera conceituação ou definição, afinal de contas, essa palavra perpassa por diversos pensamentos, costumes, tradições e modos de agir os quais não podem ser apenas definidos e explicados de um único modo.

Claval (1999), retrata um pouco essa questão em seu livro intitulado “Geografia Cultural” quando discute sobre os conhecimentos, saberes e formas de comunicação que são desenvolvidos ou repassados através de gerações, destacando que cada grupo social tem suas próprias características linguísticas, comportamentais e interativas.

Quanto Gonçalves (2014), analisa a Cultura do contexto histórico, político e social, retratando essa por meio de um processo de hierarquias, dominação por meio de imposições de uma cultura sobre outra e alienação social do grupo dominado, para que essa detenção de poder prevaleça e seja utilizado a serviço das classes dominantes.

Já para Sauer (1998), a Cultura é percebida por meio das representações sociais deixadas na paisagem, de modo que essas podem ser entendidas como as marcas e características que cada povo estabelece, conforme a paisagem ocupada e o período social em que essa está inserida. Isto é, de acordo com o período temporal e as sociedades que compõe determinado lugar, serão os retratos e atributos humanos que irão constituir esse dado espaço ou paisagem em determinado momento.

Sendo assim, por meio de Santos (1996), Engels (2006), Claval (1999) e Willians (2007), a concepção de Cultura é mais analisada numa perspectiva histórica e social, de modo que essa está relacionada com algumas categorias da Geografia, como espaço e lugar. Quanto aos autores como Sauer (1998) e Cosgrove (2010), a percebem mais relacionada com a natureza e a categoria de paisagem. E Gonçalves (2014) apresenta um

ponto de vista mais interligado as questões políticas em que a Cultura é utilizada como um instrumento de hierarquização e resultado de um processo estruturalmente construído.

Esses autores apresentam diferentes visões sobre o significado e abrangência do conceito de Cultura, relacionando-a um pouco com o contexto histórico, político e social. Entretanto, como nesse primeiro momento nos centramos em apresentar diferentes perspectivas sobre essa palavra, por meio das várias correntes geográficas (marxista, humanista e fenomenológica), a contextualização da Cultura, inserida na Geografia será tarefa para o segundo momento que iremos apresentar a seguir.

Desse modo, nosso objetivo nesse segundo momento é analisar a Cultura no contexto das questões históricas, naturais, políticas e sociais. E para que esse cumpra, iniciaremos nossos debates interligando os aspectos humanos e naturais, acrescentando aos poucos os demais processos que compuseram essa conjuntura.

Entre achados e perdidos na Geografia, revela-se a Cultura historicamente

Com o passar do tempo, a sociedade teve de se adaptar ao meio natural, ao qual estava inserida, de maneira a modificar o espaço em que ocupavam. Nesse sentido, essa precisou desenvolver e aprimorar técnicas para utilização cotidiana, de maneira a garantirem a subsistência diária e poderem sobreviver as imprevisibilidades do meio em que estavam. (SANTOS, 2004).

Com isso, por meio dessa adaptação, várias foram as consequências, resultando em aspectos positivos e negativos, tanto para a natureza, quanto para a sociedade presente nessa. (PEIXOTO, 1997).

Sendo assim, tratando-se de sociedade, historicamente, essa apresentou inúmeros avanços em questões de aprimoramento comunicativo, cultural, técnico e tecnológico, de maneira a exercer um maior domínio sobre o meio natural ao qual estavam inseridas e usufruírem desse para o próprio benefício. (ENGELS, 2006).

Porém, apesar desses “saltos sociais”, várias problemáticas se sucederam também, as quais repercutem até atualmente. E dentre essas, podemos destacar aqui as ambientais e políticas. (HARVEY, 2005).

Referente ao meio natural, conforme a sociedade foi aprendendo a exercer maior domínio sobre o espaço no qual ocupava, para essa já não era mais o bastante apenas sobreviver, de maneira que passou a aproveitar do meio que estava a seu dispor, para gerar e produzir o excedente alimentar, habitacional e vestuário. (PEIXOTO, 1997).

Nesse sentido, a partir desse domínio, algumas sociedades, foram aos poucos utilizando de seus conhecimentos, para avançarem sobre outros espaços e deterem cada vez mais controle em relação a outros meios e culturas que encontravam-se próximas, mas que estavam em outro processo, anterior aos avanços dessas primeiras. (ENGELS, 2006).

Com isso, os avanços sociais, aos poucos foram tornando-se uma questão de disputa de poder e um jogo hierárquico-social, no qual, se sobrepujam aqueles que mais detinham objetos para usar a seu dispor e conhecimento para saberem arquitetar o próximo plano de controle territorial e populacional. (HARVEY, 2005).

Mas a questão que permanece é: onde encontra-se a Cultura que está escondida nesse processo todo? Como podemos percebê-la e achar suas sutis manifestações nessa jogada histórica e política da Geografia?

Temos de admitir que essas questões são um tanto complexas para respondermos com total assertividade nesse momento, entretanto, o que podemos discutir aqui, é que tanto esses avanços sociais, quanto as problemáticas apontadas, só se sucederam em razão de que houveram grupos e sociedades os quais apresentaram um maior controle e poder cultural sobre outros. (HARVEY, 2005).

Ou seja, por mais triste que seja admitirmos esse fato, tanto as questões ambientais, quanto sociais, só resultaram nos avanços e problemáticas com o decorrer do tempo, por questões de disputas culturais que vieram se sucedendo desde que as sociedades perceberam que podiam exercer autoridade, domínio e controle sobre o meio em que estavam e sobre outras que consideravam atrasadas. (COSGROVE, 2010).

Desse modo, outra problemática que se sucede com esses avanços técnicos e tecnológicos, é a degradação ambiental que é causada conforme a extensão em que esse domínio socioespacial vai crescendo, de maneira a afetar diretamente nas questões hídricas, atmosféricas e terrestres, as quais, acabam tendo seus componentes totalmente modificados ou extintos, por conta dos desenvolvimentos socioculturais que se procedem. (PEIXOTO, 1997).

Sendo assim, apesar dessas problemáticas aparentarem serem irrelevantes e sem sentido de serem abordadas, elas precisam ser reconhecidas e compreendidas para que alguma ação seja posta em prática a respeito delas. (GUZZINI, 2020).

Afinal de contas, esses problemas ambientais só são causados em razão da expansão e expropriação sociocultural sobre a natureza e eles não ocorrem apenas num único lugar, Estado ou região, mas sim em escalas mais abrangentes e complexas, chegando ao ponto em que não podem mais serem solucionados ou resolvidos e sim apenas ponderados e amenizados. (PEIXOTO, 1997).

Suertegaray (2001, p. 11), concorda com esses apontamentos e aborda sobre a importância não separarmos sociedade e natureza, pois ambas estão interligadas e são interdependentes, nos propondo refletirmos sobre o que seria essa natureza atualmente e o que podemos fazer em relação as transformações já provocadas nessa, destacando:

A presença do homem concretamente como ser natural e, ao mesmo tempo, como alguém oposto a natureza, promoveu/promove profundas transformações na natureza mesma e na sua própria natureza. . Isto exige uma reflexão efetiva sobre o que é natureza hoje.

Tais proposições não podem ser respondidas, nem solucionadas nesse momento, entretanto, Côrrea (1986) nos auxilia em relação a essas reflexões, quando nos convida a repensarmos as escalas de atuação, de maneira que não esqueçamos ou ignoremos o enfoque local como ocorreu por muito tempo pelos clássicos da Geografia, de modo que esse enfoque apenas começou a ser discutido entre os anos de 1920-1955, através da Geografia econômica, resultante da junção entre os temas da Geografia Regional e da Geografia Cultural.

Sendo assim, essa reflexão mais local pode ser possibilitada inicialmente, através dos estudos de ocupações culturais do próprio lugar de vivência, os quais, cada um desses, passaram por um processo de organização socioespacial e aos poucos foram sendo definidos pela população que o habitava, de modo a transformar essa sociedade também. (LIMA, 2014).

Com isso, cada sociedade, aos poucos foi desenvolvendo seus costumes, crenças e tradições, de maneira que esses ou acabaram sendo reproduzidos com o decorrer do tempo, ou passaram por modificações, conforme as transformações socioespaciais iam demandando. (SANTOS, 2005).

Uma das consequências positivas, resultante desse processo de organização e ocupação territorial, foi a enorme diversidade que se constituiu por meio dos diferentes povos que migravam e mixegenavam-se .

Nesse sentido, cada espaço foi ganhando características peculiares, não apenas em questões objetivas, mas também em relação as subjetividades que o iam compondo e formando. E tal fato não se apresentou apenas na escala nacional brasileira, mas também nos demais níveis de extensão regional e global. (LIMA, 2014).

Todavia, como nem tudo são flores em qualquer contexto histórico que exista, houveram também algumas perspectivas negativas em relação a esse processo de mixegenação populacional nos diferentes espaços. Dentre essas, podemos apresentar aqui as questões de imposições socioculturais e a sobreposição marcante de uma cultura sobre outra. (GUZZINI, 2020).

Com tais sobreposições e organizações sociais hierárquicas, estabeleceram-se estruturas culturais que passaram a dividir e compartimentar as sociedades em classes, religiões, etnias e intelectos, acarretando na exclusão e ignorância em relação a aqueles que acabavam mostrando-se contrários aos muitos estereótipos que foram sendo criados. (HARVEY, 2005).

Isso ocorreu com o período colonial, no qual os povos europeus buscavam outros territórios para exploração e apropriação dos recursos naturais e além desse domínio ambiental, impuseram suas tradições, crenças e costumes sobre os povos indígenas e africanos e transpassou com o tempo, perdurando até atualmente. (GONÇALVES, 2014).

E conjuntamente a esse combo, roubaram desses povos seus direitos mínimos de expressarem-se e manterem suas tradições, acarretando além desse roubo, na exploração e morte de muitos, por não os considerarem “humanos e com alma”. (GONÇALVES, 2014).

Ou seja, essas sobreposições e imposições ainda não se findaram, por mais que atualmente estejamos no século XXI, de maneira que muitos povos ainda permanecem sendo menosprezados, ridicularizados e roubados de seus lugares de pertence, vivências e tradições. (MALUF, 2011).

Sendo assim, em razão de vários estruturalismos socioculturais prevalecerem, mesmo com as transformações socioespaciais, a partir dessas sobreposições e hierarquizações étnicas, religiosas, políticas e econômicas, nos cabe a seguinte indagação: Será que essas estruturas são consequências de algum negacionismo? Será que o fato de haver essas divisões e hierarquias, de certo modo não é uma forma de negação social e temporal de alguma dessas classes, religiões, etnias e culturas?

Para direcionarmos as reflexões acerca desses questionamentos, utilizaremos como base a autora Tatiana Roque (2021) e seu amplo arcabouço intelectual a respeito do negacionismo. Com isso, nesse terceiro e último momento, apresentaremos algumas reflexões sobre essa temática pouco conhecida pelas ciências de um modo geral, mas muito ampla e polêmica, de modo que nesse terceiro momento, buscaremos compreender se há um certo negacionismo na Cultura e se esse é percebido ou ignorado, e independente do contexto, tentaremos retratar se esse negacionismo é um ocorrido mais recente ou ultrapassado.

Negacionismo na Cultura – Um ocorrido atual, ou um debate ultrapassado

Não é nenhuma novidade que a ciência geográfica já passou por várias contestações pelos seus pensadores, para que pudesse ser constituída pelos saberes e práticas que possui hoje. Por muitos anos questionou-se qual seria o formato da Terra, qual seria o corpo celestial que estaria no centro do universo e mais recentemente questiona-se a existência da vida em outros planetas. (ROQUE, 2021).

A dúvida é uma das múltiplas marcas que existem na ciência, para que essa possa avançar do ponto em que se encontra momentaneamente. Duvidar, questionar e levantar hipóteses, nunca foi o problema em si. Porém, utilizar desses aspectos, para se negar uma realidade comprovada e que se manifesta cotidianamente sim. (MOREIRA, 2008).

E infelizmente, tais apontamentos são uma breve representação que podemos ter do negacionismo na ciência. Negacionismo esse, que muitas vezes se revela de maneiras sutis, mas muito convincentes, de formas coletivas e propagam-se por dimensões espaciais imensuráveis, ao longo do tempo. (ROQUE, 2020).

Esse, mostrou-se muito presente e marcante nas transições dos sistemas que governavam o Brasil (tanto no colonial, quanto imperial e democrático), os quais, os privilégios e regalias, sempre eram concedidos àqueles que detinham os maiores recursos financeiros e os utilizavam para benefício próprio e não para possibilitar melhores condições a população dominada, negando qualquer forma de contribuir para o avanço social de cada época. (GONÇALVES, 2020).

Conforme Roque (2020), tal negacionismo permanece mesmo hoje em dia. Por mais que deveríamos estar inseridos num sistema considerado “democrático” socialmente.

Mas até que ponto vivemos de fato numa democracia? Será que a hegemonia instaurada globalmente pelo capitalismo, nos possibilita sermos e agirmos como realmente gostaríamos? E quanto as Culturas? Como elas ficam com esse caos?

Gonçalves (2020; p. 06), retrata sobre essas questões como sendo consequências de uma crise civilizatória, a qual vem ocorrendo desde o período colonial e cresce cada vez mais. Isso é, tal crise manifesta-se globalmente há 500 anos e piora cada vez mais. Afinal, ela dissemina-se quando nessas transições sistêmicas, um mesmo padrão governamental, com os mesmos favoritismos e problemáticas é mantido e retroalimentado.

Incerteza, Relatividade, Complexidade, Caos e Catástrofe são termos que estão longe da Causa e Efeito, de Determinismo, da Ordem e das Leis com que se faziam as Investigações científicas até muito recentemente. Tudo indica que os entes não estão dispostos como se imaginava até então.

Desse modo, mesmo nós estando inseridos em um sistema que deveria ser democrático, na realidade esse apenas é denominado como tal, mas em algumas questões cotidianas, esse revela-se de maneira completamente aversiva e contraditória ao que supostamente é assinalado, discursado e disseminado. (ROQUE, 2020).

Afinal de contas, se estivéssemos realmente vivendo uma democracia, quem sabe muitas Culturas, no lugar de serem menosprezadas, excluídas e negadas com essas hierarquizações e sobreposições estruturantes socialmente, politicamente e economicamente, seriam respeitadas e valorizadas. (GONÇALVES, 2020).

Quem sabe, caso tal democracia realmente fosse efetiva nas práticas sociais, direitos mínimos como a manutenção dos territórios, conhecimentos e Culturas dos Indígenas, Quilombolas, Caiçaras, Agricultores rurais, dentre muitos outros povos tradicionais, estariam garantidos nas práticas governamentais e não roubados e desprezados sem o menor pudor, respeito e empatia, por pessoas, com culturas que se autodefinem superiores. (GONÇALVES, 2014).

Com isso, caminhamos para o encerramento desse texto (mas não dessas discussões) sobre a Cultura, reafirmando com base em Roque (2020), que o negacionismo científico, além de estar presente na Geografia, também se faz presente nas Culturas tradicionais, fundamentalmente na atualidade, por mais que os séculos e anos tenham “avançado”.

E esse, faz-se presente na sociedade desde o período colonial, ou seja, há 500 anos (ou quem sabe, até há mais tempo), segundo Gonçalves (2020). Nesse sentido, trouxemos tais apontamentos, como uma forma de refletir um pouco sobre essas problemáticas ainda perdurarem, por mais que 500 anos tenham se passado e teoricamente, os espaços e as sociedades terem mudado até o século XXI.

CONCLUSÃO

Sendo assim, cabe-nos também as seguintes reflexões: como podemos agir de modo diferente, para que certos padrões estruturais não permaneçam e sejam reproduzidos socialmente? O que podemos fazer para melhorar pelo menos um pouco a realidade daqueles que são culturalmente e tradicionalmente desvalorizados e desrespeitados, por serem considerados “diferentes”, mas que acima de tudo, também são seres humanos que pensam, agem, sonham e lutam por seus territórios e questões ambientais atreladas a esse, que perpassam gerações? De que maneira podemos sermos humanos e não invalidarmos os outros, apenas por questões culturais e econômicas?

Essas questões são impassíveis de resposta pronta e científica no momento, entretanto, é importante refletirmos sobre elas, não apenas em razão de agregação de cunho científico ou intelectual (a qual é válida e fundamental também), mas sim por conta de estarmos inseridos numa sociedade totalmente hegemônica, desigual e injusta, de maneira que o primeiro passo para podermos realizarmos alguma mudança, por mínima que seja, é abriremos os olhos para a realidade como ela é, mas ao invés de a aceitarmos e contribuirmos para essas problemáticas, sermos sujeitos que buscam lutar para a sua melhora de algum modo. (LIMA, 2014).

Esperamos que de alguma maneira, esse texto tenha contribuído para isso!

REFERÊNCIAS

CLAVAL, P. A Geografia Cultural. Florianópolis: UFSC, 1999.

CORREA, R.L. O enfoque locacional na Geografia. In: AGB. Revista Terra Livre, n.1, 1986.

CORRÊA, R. L. Processo, forma e significados. In: _____. Caminhos paralelos e entrecruzados. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma Geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 103-134.

ENGELS, F. A Hominização do macaco pelo trabalho. In: _____. A dialética da natureza. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979 [1876], p. 215-227.

GONÇALVES, C.W. Pela vida, pela dignidade e pelo território: um novo léxico teórico político desde as lutas sociais na América Latina/Abya Yala/Quilombola, 2014.

GONÇALVES, C.W. DE CAOS SISTÊMICO E DE CRISE CIVILIZATÓRIA: TENSÕES TERRITORIAIS EM CURSO. Rio de Janeiro: Revista Territorium, n.º 27 (II), 2020. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/territorium/article/view/1647-7723_27-2_1/6641.

GUZZINI, S. Da geografia da política para a política da geografia. In: _____. (org.) O retorno da geopolítica na Europa? Mecanismos sociais e crises de identidade de política externa. São Paulo: UNESP, 2020, p. 15-36.

HOLZER, Werther. A Geografia humanista: uma revisão. ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, EDIÇÃO COMEMORATIVA, P. 137-147, 1993-2008.

LIMA, E. L. O sujeito entre múltiplas geografias e a geografia geral. In: _____. Encruzilhadas geográficas: notas sobre a compreensão do sujeito na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. Disponível em: <https://www.ufff.br/nugea/files/2014/01/O-Sujeito-entre-m%C3%BAltiplas-Geografias-ea-Geografia-Geral.pdf>.

MALUF, S. W. A antropologia reversa e “nós”: alteridade e diferença. ILHA, volume 12- número 1, 2011.

MOREIRA, R. As filosofias e os paradigmas da geografia moderna. In Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2008; primeiro capítulo, pág. 13-45.

PEIXOTO, M.N.O.; SILVA, T.M.; MOURA, J.R.S. Reflexões sobre as perspectivas metodológicas em Geografia Física. Revista da PPGG/UFRJ. Ano 1, Vol.1. Rio de Janeiro. 1997. p.35-47.

ROQUE, T. O dia em que voltamos de Marte: Uma história da ciência e do poder com pistas para um novo presente. São Paulo: Plaenta, 2021. 368 p.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. . São Paulo: Hucitec, 1996. Acesso em outubro de 2022.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In _____. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2005; pág. 21-41.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R.L., ROSENDAHL, Z. (Orgs.) Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. Scripta Nova – Revista Eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales. Nº 93, 2001.14.

WILLIAMS, Raymond. Cultura. In: _____. Palavras-chave. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 117-124.